

Lentes contemporâneas: uma revisão teórica do Regionalismo Crítico ressignificado pela noção de lugar do século XXI

Contemporary lenses: a theoretic review of Critical Regionalism resignified by the 21st century notion of place

BARCELLOS, Fernanda; Graduanda; Universidade do Estado do Rio de Janeiro
nandabarcellos11@gmail.com

CARVALHO, André; Doutor; Universidade Federal do Rio de Janeiro
alcarvalho@esdi.uerj.br

No início da década de 1980, emergiu o debate acerca da produção arquitetônica de caráter universalizante, difundindo o conceito de Regionalismo Crítico, podendo esse ser definido como uma estratégica para mediar os impactos da civilização universal, utilizando elementos locais e trazido para o Brasil em 1985 com os debates sobre a identidade arquitetônica latino-americana. Os desafios da arquitetura no mundo contemporâneo se estabelecem em diferentes contextos culturais, políticos e sociais, exigindo cada vez mais posicionamentos críticos que considerem as particularidades do lugar. O objetivo desse trabalho é realizar uma revisão sobre o Regionalismo Crítico, envolvendo o seu contexto histórico e suas repercussões na América Latina, por meio da ressignificação do termo, considerando a noção de lugar discutida na contemporaneidade. O estudo considerou a ideia de lugar por três campos teóricos distintos, o lugar geográfico, segundo Milton Santos, o lugar antropológico, segundo Marc Augé, e o lugar racializado, segundo a filósofa Djamila Ribeiro.

Palavras-chave: Regionalismo Crítico; Lugar; Arquitetura regional.

At the beginning of the 1980s, the debate about architectural production with universal principles emerged, spreading the concept of Critical Regionalism, which can be defined as a strategy to mediate the impacts of universal civilization, using local elements, and brought to Brazil in 1985 with debates on Latin American architectural identity. The challenges of architecture in the contemporary world are established in different cultural, political and social contexts, demanding critical positions that consider the particularities of the place. The objective of this work was to accomplish a review on Critical Regionalism, involving its historical context and its repercussions in Latin America, through the resignification of the term, considering the notion of place discussed in contemporary times. The study considered the idea of place by three different theoretical fields, the geographical place for Milton Santos, the anthropological place for Marc Augé and the racialized place for the philosopher Djamila Ribeiro.

Keywords: Critical Regionalism; Place; Regional architecture.

1 Introdução

Os desafios da arquitetura, no mundo contemporâneo, se estabelecem em diferentes contextos culturais, políticos e sociais. A falta de planejamento dos centros urbanos, o aumento de problemas ambientais, o adensamento de áreas já estabelecidas, a expansão das periferias e a especulação imobiliária são alguns dos problemas com os quais o arquiteto se confronta, ainda que minimamente, em suas proposições. No macrocosmo da cidade, também cabe ressaltar a atual lógica cultural de transformação de tudo em potencial mercadoria e em consumo de massa. Essa realidade também afeta as produções arquitetônicas, uma vez que ocorre uma universalização de informações e de padrões propagados pela mídia.

Em um mundo cada vez mais globalizado, grande parte das produções arquitetônicas contemporâneas apresentam um caráter subjetivo atordoante, podendo ser caracterizadas como uma arquitetura do espetáculo. Segundo Foster (2015), essa condição atual está diretamente relacionada à cultura de massa ou cultura pop, que sofreu alterações após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento do capitalismo de consumo. A principal mudança foi na natureza da aparência. Novas combinações entre a estrutura, a superfície e o símbolo transformaram a arte em sinônimo de ostentação e em iconicidade, influenciando a pintura, a escultura e a arquitetura. Como reação a essas novas práticas arquitetônicas, surgiram reações críticas, contestando esse “estilo mundial”.

No início da década de 1980, surgiram debates acerca da produção arquitetônica de caráter universalizante e a necessidade de um posicionamento crítico de estímulo à cultura regional. Nesse contexto, destacaram-se diversos teóricos que expandiram o tema, como o arquiteto, crítico e historiador inglês Kenneth Frampton, com sua proposta de Regionalismo Crítico, que pode ser definida como uma estratégica de mediar os impactos da civilização universal, utilizando elementos derivados indiretamente de particularidades de um determinado lugar (FRAMPTON, 1998).

O marco de cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922, uma manifestação artístico-cultural que ocorreu no Theatro Municipal de São Paulo, entre os dias 13 e 18 de fevereiro, resgatou os debates propostos por esse movimento da construção de uma brasiliade e sobre o que é compreendido como arte e cultura brasileira. Essas questões incorporam-se ao questionamento sobre a construção de uma arquitetura crítica regional.

Após um século, questiona-se a proposta da época da construção de uma brasiliade como resumo para a construção de nação, criando, assim, um discurso homogêneo e reducionista. Como exposto pelo teórico e crítico indiano Homi Bhabha (1990), toda nação se faz narração, ou seja, toda ideia de nação é uma narrativa construída. Logo, durante a construção desse discurso, diversas outras narrativas deixam de ser incluídas e representadas, uma vez que toda nação é construída por múltiplas identidades e por múltiplas subjetividades. Pensando na ideia de Brasil, construída pela Semana de Arte Moderna de 22, quantos outros “Brasis” não ficaram de fora? Como definir um padrão de arquitetura regional brasileira considerando que existem diversos “Brasis”? Essas inquietações permitem compreender a importância das proposições arquitetônicas que considerem o lugar, integrando-se ao debate sobre a construção de uma arquitetura crítica regional, de modo a consolidar o interesse desta pesquisa.

A proposta de Regionalismo Crítico teve contribuições importantíssimas no fomento do posicionamento crítico em relação à arquitetura mundial, sendo possível observar diversas

produções arquitetônicas que tiveram grande impacto sobre a expressividade do caráter regional, mas torna-se fundamental compreender suas teorias com novos olhares, ao se considerar as mudanças da noção de lugar na contemporaneidade. Em um contexto em que se manifesta, cada vez mais, a importância de proposições arquitetônicas críticas, considerando o valor histórico e cultural que abrange o lugar da intervenção projetual assim como o reconhecimento da função social do arquiteto enquanto mediador entre o espaço construído e os usuários, suas práticas e suas relações com o espaço, percebe-se a necessidade de uma reflexão do Regionalismo Crítico proposto por Frampton.

Dessa forma, entendendo a complexidade que envolve a arquitetura crítica regional, o objetivo deste artigo é realizar uma revisão crítica do Regionalismo Crítico, ressignificado pela ideia de lugar no século XXI, de modo a compreender os diversos olhares a respeito dessa atitude projetual bem como possibilitar a reflexão a partir das lentes contemporâneas.

A perspectiva histórica permite compreender que a abordagem do regionalismo crítico também atravessa a noção de lugar, tornando-se necessário o seu entendimento conceitual. Considerando sua subjetividade e sua complexidade, esta pesquisa pretende analisar o conceito de lugar a partir do olhar de três teóricos, o antropólogo Marc Augé, o geógrafo Milton Santos e a filósofa Djamila Ribeiro, na tentativa de construir um entendimento desse termo a partir dos olhares do século XXI.

Esta pesquisa tem um cunho revisional e reflexivo acerca do Regionalismo Crítico, dialogando com os seus impactos nas produções arquitetônicas internacionais e brasileiras. Além disso, busca-se examinar o papel do arquiteto perante as circunstâncias e as necessidades do século XXI. O procedimento metodológico adotado pode ser definido por três etapas: levantamento bibliográfico; levantamento e análise de produções arquitetônicas que dialogam com a ideia atualizada da noção de regionalismo crítico; reflexão e tentativa de atualização do tema.

Por fim, vale mencionar que a ideia de lentes contemporâneas aqui citada se refere à noção de que outras questões surgem a partir da ótica contemporânea de emergências, a exemplo do autor Marc Augé, que traz uma nova perspectiva sobre a relação do indivíduo com o espaço, as mudanças de escala e da importância de se atentar às singularidades de grupos, de identidades e de lugares. Assim, o termo se associa com a busca dessas novas perspectivas sobre os questionamentos que se colocam no presente.

2 Regionalismo Crítico: análise e atualização

No campo da arquitetura, a ideia de regionalismo crítico surgiu no início da década de 1980 com as críticas em relação à arquitetura moderna e à sua proposta de retirada de ornamentos e de elementos simbólicos, de modo a enquadrá-la em qualquer contexto. Durante esse período, criticou-se a produção arquitetônica “universal” e “internacional”. Inúmeros teóricos expunham a importância de um posicionamento crítico de estímulo à cultura regional. Entre eles, destacou-se Kenneth Frampton, com sua proposta de Regionalismo Crítico. O impacto desses questionamentos reverberou nas produções arquitetônicas de diversos outros arquitetos. De modo a compreender essa vertente crítica e seus impactos na contemporaneidade, é necessário contextualizar sua formação e suas transformações ao longo do tempo.

A ideia de Regionalismo foi fundamentada durante a década de 1960, pelo filósofo francês Paul Ricoeur, no artigo “Civilização Universal e Culturas Nacionais”, que discute o conflito

existente entre a cultura universal e a cultura regional no mundo atual. O teórico defendia a existência de uma cultura de consumo universal, caracterizada pela ausência de identidade, e uma cultura regional, ressaltando a necessidade de se preservar a identidade cultural de determinada região, tendo em vista a sua importância na construção do contexto histórico do “lugar”. O pensamento de Ricoeur pode ser definido como crítica à dominação da cultura de massa e à destruição da identidade nacional.

Produto da crise do movimento moderno, o termo Regionalismo Crítico foi cunhado pelos críticos holandeses Alexander Tzonis e Liane Lefaivre, em 1981, a partir de sua publicação “The Grid and the Pathway”. Em publicação, intitulada “Porque regionalismo crítico hoje?” (1990), os autores consideram que essa proposta alternativa ao modernismo surgiu em defesa de uma “civilização que perdera suas regiões identificáveis, suas estruturas sociais coletivas e suas representações correspondentes” (TZONIS; LEFAIVRE, p. 522, 2006). Conforme Tzonis e Lefaivre:

O regionalismo crítico é um movimento mais original, que surgiu como uma resposta aos novos problemas criados pela globalização contemporânea, da qual é fortemente crítico, e que as poéticas desse novo movimento são muito diferentes, senão antagônicas, das de outras técnicas arquitetônicas regionalistas do passado. De fato, o novo regionalismo surgiu no momento em que se começava a compreender que as percepções tradicionais das regiões como entidades fechadas e estáticas, equivalentes a grupos insulares igualmente invariantes, estavam tão obsoletos quanto os desgastados modos de expressão da arquitetura regionalista tradicional (TZONIS; LEFAIVRE, 2007, p. 523).

Em seu texto, também evidenciam que o “crítico”, presente no termo, define “um regionalismo que se examina a si mesmo, se questiona e se julga, que não enfrenta somente o mundo mais a si mesmo” (TZONIS; LEFAIVRE, p. 526). Além disso, destacam a facilidade de interpretar erroneamente esse posicionamento com interesse de evocar uma nostalgia de períodos que já passaram. Assim, os autores enfatizam o caráter reflexivo do regionalismo crítico, defendendo a leitura das particularidades que compõem um lugar, e propositivo, como uma atitude alternativa de crítica à arquitetura universalizante.

A partir desses questionamentos, a noção de regionalismo foi difundida, no campo da arquitetura, pelo arquiteto, crítico e historiador inglês Kenneth Frampton, com sua publicação “Towards a Critical Regionalism: six points for an architecture of resistance”, no ano de 1983. O autor defendia a necessidade de uma atitude de resistência da arquitetura perante a homogeneização do ambiente construído, instituída pelo modernismo. Em seu ensaio “Perspectivas para um regionalismo crítico”, no qual critica a produção arquitetônica no mundo cada vez mais universalizante, Frampton destacou a necessidade de os arquitetos possuírem uma posição crítica, isto é, de resistência, sendo capazes de intervir na influência da “civilização universal” ao levarem em consideração as características específicas do local, aludindo ao filósofo Ricoeur.

Segundo Frampton:

O termo regionalismo crítico não pretende denotar o vernacular como algo produzido espontaneamente pela ação conjunta do clima, da cultura, do mito e do artesanato, mas, ao contrário, identificar as “escolas” regionais recentes cujo objetivo é representar e atender, em um sentido crítico, as populações específicas em que se inserem. Um tal regionalismo depende, por definição, de uma associação

entre a consciência política de uma sociedade e a profissão de arquiteto. As precondições para o surgimento de uma expressão crítica regional incluem não apenas certa prosperidade local, mas também um forte desejo de realizar efetivamente uma identidade. Uma das principais forças motivadoras de uma cultura regionalista é um sentimento antocentrísta, isto é, uma aspiração por algum tipo de independência cultural, econômica e política (FRAMPTON, 2007, p. 505).

Portanto, a condição para a expressão de uma arquitetura regionalista, conforme a proposta de Frampton, depende do grau de consciência crítica do arquiteto e do interesse em identificar e representar uma identidade local. Assim, cabe ao profissional considerar as características específicas do local, como a topografia, o clima, a iluminação e a tectônica, em suas proposições arquitetônicas.

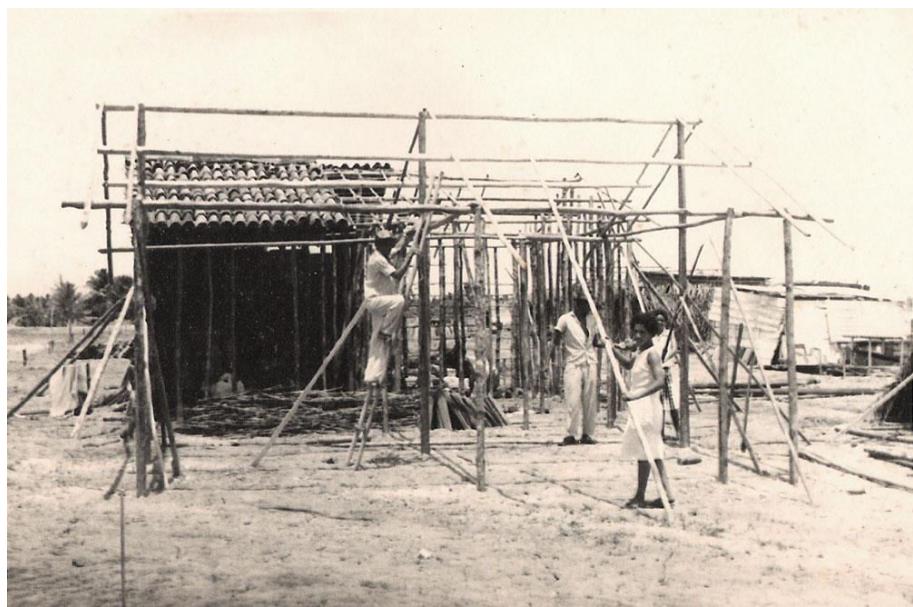
Certamente o posicionamento de Frampton influenciou a manifestação de correntes de arquitetos críticos ao universalismo proposto pelo movimento moderno, embora apresente algumas afirmações que geram questionamentos, considerando os novos olhares do século XXI. Segundo Frampton, o regionalismo crítico muitas vezes não se expressa a partir de um envolvimento coletivo, mas do trabalho de um profissional inventivo e sensível que se propõe a produzir algum modo de manifestação baseada em características locais. (FRAMPTON, 2007, p. 512). Em seus textos, Frampton (2003, 2007) cita os projetos de Álvaro Siza, de Luis Barragán e de Alvar Aalto como forma ilustrar o seu posicionamento crítico regional, sempre evocando o caráter sensível e inventivo desses arquitetos de transferirem as características locais para seus projetos.

Sem dúvidas, o arquiteto trouxe contribuições importantíssimas para a arquitetura, contudo, a afirmação provoca questionamentos sobre a atualidade desse discurso uma vez que proposições regionais exigem a troca de conhecimentos entre grupos locais e arquiteto. Vale mencionar, ainda, o seu lugar privilegiado ao se referir a arquitetos geniais, pois ele também se considera inserido nesse grupo, como um teórico genial. Hoje, caberia ao arquiteto a credibilidade por sua genialidade? Na contemporaneidade, o que se verifica são os grupos de arquitetos ou as relações que se constroem em uma arquitetura compartilhada. Ninguém é genial sozinho. O que ocorre são saberes compartilhados, que se constroem muitas vezes por uma coletividade, principalmente quando se fala em regionalismo.

A experiência habitacional do Cajueiro Seco pode ilustrar esse processo coletivo. Fruto de uma nova política habitacional e da reforma urbana em Pernambuco, o projeto foi desenvolvido entre 1963 e 1964 e tinha como objetivo controlar a crescente favela Brasília Teimosa. O projeto incluía a provisão de serviços e de infraestrutura urbana ao assentamento, além da proposta de pré-fabricar os componentes construtivos e funcionais da habitação, valendo-se do sistema construtivo já utilizado na região, chamado taipa, de modo a baratear a construção digna (SOUZA, 2008).

A racionalização da taipa, assim chamada, realizada pelo escritório do arquiteto Acácio Gil Borsoi juntamente com um grupo de alunos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) — onde Borsoi lecionou por alguns anos —, em conjunto com os próprios moradores, possibilitou enfrentar a escassez de mão de obra e superar a necessidade de um programa extenso, a curto prazo, de forma a eliminar o “déficit” habitacional (SOUZA, 2008). Assim, a experiência pioneira do mutirão do Cajueiro Seco possibilitou enfrentar essas questões a partir de soluções regionais e da ação conjunta dos moradores da região, empregando o saber popular coletivo. A figura 1 evidencia a execução das casas.

Figura 1 – Execução das casas de Cajueiro Seco pelo processo de Mutirão.



Fonte: <http://acaciogilborsoi.com.br/projetos-sociais/cajueiro-seco/>

O fundamento da proposta regionalista de Frampton atravessa a ideia de nação, dos modelos arquitetônicos transmitirem a cultura local, contribuindo para a criação de uma nacionalidade. Deve-se considerar a relação contextual com o movimento moderno no campo da arquitetura, no qual os temas em pauta eram relacionados à universalização cultural. Esta pesquisa propõe, então, o seguinte questionamento: em que medida o Regionalismo Crítico associa-se à universalização, considerando o sentido de nação?

Na década de 1980, a crise da pós-modernidade despertou debates em toda América Latina, entre eles o debate sobre o tema do regionalismo e a sua relação com a noção de identidade cultural. A arquiteta, crítica e historiadora argentina, Marina Waisman, contribuiu com o entendimento de *divergência*, ao aplicar a teoria de Frampton à realidade latina, uma vez que a arquitetura sul-americana é baseada nos parâmetros europeus. Logo, a historiadora substituiu a *resistência* de Frampton pela *divergência*, entendendo que o equilíbrio entre a influência do mundo universal e a continuidade da cultura regional deve ser promovido por meio de novas soluções arquitetônicas. Desse modo, defende que não se deve “resistir” às influências, e sim “divergir” delas, estabelecendo novas relações do que se pode “chegar a ser” (WAISMAN, 2013, p. 98).

A autora defendia que a produção de uma arquitetura local deve se pautar em sua realidade iminente e não em valores externos, argumentando que:

Não que haja modos distintos de considerar o grau de excelência alcançado pela linguagem ou pela concepção espacial de um edifício; ou sua capacidade de servir a uma comunidade; ou sua perfeição técnica. O que ocorre é que podemos dar distintos pesos a esses parâmetros segundo o relativo valor que têm na problemática do grupo humano. Assim, as sofisticadas buscas de certa arquitetura atual nos países desenvolvidos, referidas unicamente à linguagem, dirigidas a um público erudito, podem ser menos importantes, em nossos países, que a qualidade com que o edifício contribui para a formação de uma paisagem urbana, por exemplo (WAISMAN, 2013, p. 97 apud ZEIN; BASTOS, 2015, p. 203).

Assim, entende-se a complexidade inerente aos projetos desenvolvidos para a realidade latino-americano e, sendo eles regionalistas ou não, demandam um olhar crítico e contextual dos arquitetos e urbanistas para, somente assim, atender de fato às demandas de determinado lugar.

Entre as produções latino-americanas que dialogam com o local, destacam-se as produções do arquiteto autodidata boliviano Freddy Mamani, no bairro El Alto, pertencente ao Departamento Autônomo de La Paz, segunda maior cidade da Bolívia. Sua relação íntima com a região resulta da sua origem e vivência em El Alto e da participação dos usuários na criação das obras, convergindo em uma arquitetura que ressignifica uma identidade propriamente andina.

Ao explorar uma intensa paleta cromática, vidros, revestimentos, plástibanda sinuosa e molduras em gesso na fachada e no interior dos edifícios, Mamani evoca a identidade Aimará, povo que habita as margens do lago Titicaca, desde os tempos pré-colombianos (URREJOLA, 2017). Conforme ilustrado na figura 2, suas obras destacam-se do seu entorno, caracterizado por uma paisagem composta pelo mesmo sistema construtivo: o uso de alvenaria de tijolo. Desse modo, pode-se definir como uma arquitetura que exalta a cultura local, se relacionando aos processos políticos e culturais da região, possibilitando expor e difundir a nível mundial a partir de uma expressão visual.

Figura 2 – Destaque da arquitetura de Mamani na paisagem (a) e fachada de um edifício (b).



Fonte: Archdaily (a) e (b)

Outra referência de projetos, que propõem uma arquitetura a serviço do lugar, são as obras de Diébédo Francis Kéré, um arquiteto africano contemporâneo, que tem desenvolvido projetos de prestígio por conciliar a arquitetura tradicional a tecnologia e técnicas sustentáveis. A atuação do arquiteto em Gando, aldeia de seu país natal, Burkina Faso, utilizando técnicas locais, permitiu construir uma nova realidade para os moradores da região.

No projeto da Biblioteca para a Escola Primária de Gando, destaca-se a capacitação da população local para utilizar o barro, um material muito comum na região, para a construção do projeto. Essa iniciativa possibilitou a redução dos custos, por não trazer mão de obra qualificada, além de oferecer mais oportunidades de trabalho aos moradores da região (DUARTE, MEIRELLES, 2017). Assim, pode-se entender como uma arquitetura local pode construir novas relações na paisagem urbana ou rural, afirmando a identidade e a cultura que está vinculada ao lugar.

Figura 3 – Trabalhadores locais utilizando formas de barro na construção da Biblioteca.



Fonte: Archdaily

No Brasil, a arquiteta, crítica e historiadora Ruth Verde Zein, no capítulo “A Nova Crítica e as Conexões Latino-Americanas”, pontua como a ideia de Regionalismo atingiu o seu esgotamento, para alguns teóricos, na passagem dos anos de 1980-1990. Dentre eles, destaca-se a visão do arquiteto e crítico brasileiro Carlos Eduardo Comas:

Imposições doutrinárias estão em baixa, a pluralidade de caminhos constitui um fato, triunfa a atitude mais empírica e pragmática diante das demandas de uma realidade contraditória que mescla elementos tribais e cosmopolitas. Cresce a convicção de que a noção de contextualismo precisa se redefinir; mas que adotar um contexto, o arquiteto latino-americano é frequentemente chamado a criar um contexto inovador (COMAS apud ZEIN; BASTOS, 2015, p. 202).

A partir do comentário de Comas, percebe-se as críticas existentes à teoria defendida por Kenneth Frampton. No contexto do século XXI, o posicionamento crítico regional atravessa a compreensão da identidade e da cultura local, mas também as relações que se estabelecem entre profissionais e usuários e o compartilhamento de saberes. Os projetos exemplificam a importância de uma atitude regional crítica, ao considerarem o impacto político, social e econômico no lugar da intervenção.

3 A noção de lugar: análise e atualização

Ao discutir as questões vinculadas à noção de regionalismo crítico pelas lentes contemporâneas, torna-se fundamental a reflexão sobre a noção de lugar. Então, de modo a compreender conceitualmente e considerar sua subjetividade e profundidade, a ideia de lugar será discutida a partir de três teóricos que atualizam o entendimento do termo a partir das perspectivas do século XXI.

Para isso, levanta-se um conjunto de questões. O que define um lugar e de que forma o lugar é formado? É possível diferenciar esses dois aspectos? Em caso afirmativo, em que medida? O que caracteriza um lugar? De que forma a arquitetura regional dialoga com o lugar? Essas são algumas das inquietações que delimitarão esta reflexão.

O antropólogo francês Marc Augé (1994) discursa que o lugar pode ser definido como um dispositivo espacial que representa a identidade de um grupo e abrange as inconstância e contradições da vida social. Segundo ele, por estar vinculado à identidade de um grupo, qualquer análise deve compreender que possui limites mutáveis, uma vez que cada grupo é constituído pelas transformações históricas e pelas multiplicidades dos espaços nos quais interagem. Assim, ao analisar a identidade de um povo, não se pode ficar preso a um local, pois:

Tentando identificar aqueles que estuda com paisagem onde os descobre e o espaço que eles informaram, não ignora mais do que eles as vicissitudes de sua história, sua mobilidade, a multiplicidade dos espaços aos quais eles se referem e a flutuação de suas fronteiras (AUGÉ, 1994, p. 47).

Portanto, o que caracteriza um lugar é muito mais abrangente e variável, já que esse se relaciona com um povo, com sua história e com o entorno, entendendo as possíveis oscilações territoriais e contextuais que pode sofrer ao longo do tempo. De modo semelhante, diz o geógrafo brasileiro Milton Santos que o tempo, chamado por ele de “evento”, efetua a ligação entre os lugares e a história em curso (SANTOS, 2005):

Acostumaram-nos a uma ideia de região como um subespaço longamente elaborado, uma construção estável. Mas o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não. O fato de ter vida curta não muda a definição do recorte territorial (SANTOS, 2005, p. 157).

Ao considerar a atuação do tempo, um lugar pode apresentar começo, meio e fim, tendo em vista as relações que o constroem. Sendo assim, um lugar se modifica e o que o define está em constante atualização. De modo complementar, para Augé (1994, p. 52) os locais possuem ao menos três características em comum, defendendo que “eles se pretendem identitários, relacionais e históricos”.

Na arquitetura regional, é fundamental compreender as variações das relações dos indivíduos com o espaço e com diferentes grupos ao longo do tempo. Somente assim torna-se factível propor espaços que dialogam com o que define a região e sua cultura e com os grupos que a compõem. Resgatando o pensamento da arquiteta argentina Marina Waisman (apud ZEIN; BASTOS, 2015), o fundamental a ser considerado é a qualidade e a contribuição do edifício para paisagem.

Augé (1994) também discorre sobre como a percepção do tempo sofreu alterações, impactando na percepção do lugar. Em sua hipótese sobre a supermodernidade, o autor disserta sobre como as transformações aceleradas do mundo contemporâneo geraram os “não-lugares”. Esses podem ser definidos por se oporem à noção sociológica de lugar, ou seja, por vincularem-se a uma cultura localizada no tempo e no espaço. Ao exemplificar o que seriam os não-lugares, Augé descreve que:

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são estacionados os refugiados do planeta (AUGÉ, 1994, p. 36).

Em relação às transformações ocorridas, o autor cita três principais delas. A primeira está relacionada à percepção do tempo e de como a história se acelera. A segunda se refere ao

espaço, ou melhor, ao excesso de espaço e ao modo como, paradoxalmente, ocorre um encolhimento do planeta. A aceleração dos meios de transporte repercutiu em uma mudança de escala e alterou as modificações físicas, como as concentrações urbanas e a multiplicação dos não-lugares. A terceira se refere ao ego. Nas palavras de Augé, "o indivíduo quer um mundo para ser um mundo" (AUGÉ, 1994, p. 38). Para o autor, há uma valorização extrema do individual e, como consequência disso, os pontos de identificação são cada vez mais flutuantes, expressando-se, paradoxalmente, em uma homogeneização cultural. Então, defende que "o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente — palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação" (AUGÉ, 1994, p. 74).

Para o geógrafo Milton Santos (2005), o lugar se define pela sua experiência corpórea assim como por sua existência relacional, ou seja, pela forma como se vivenciam o espaço e os vínculos estabelecidos entre uma localidade e o seu entorno. Ao conceituar a noção de lugar, Santos discursa que:

Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram, mas não se confundem (SANTOS, 2005, p. 160).

Portanto, a fusão dessas três expressividades caracteriza e distingue cada lugar. A densidade técnica pode ser entendida pelos diversos graus de recursos disponíveis., enquanto a densidade informacional, pelos graus de relação e de troca que um determinado lugar estabelece com outros. A densidade comunicacional, por sua vez, pode ser definida pelo caráter de troca e pela vivência compartilhada, sendo resultante do meio social (SANTOS, 2005).

Também vale considerar o lugar racializado, segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2021), que defende o entendimento de "lugar de fala". Para ela, esse se define a partir do entendimento de que o indivíduo universal, isto é, o que tem voz e é considerado referência, representa uma sociedade cis-hetero-patriarcal eurocentrada, ressaltando a necessidade de identificar os discursos de acordo com o lugar social de onde se fala. Para Ribeiro:

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classes, para que pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar a voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIRO, 2021, p. 43).

Assim, as relações que se estabelecem são únicas e variam de acordo com o grupo social, tornando-se essencial perceber as diferentes vivências em determinado lugar. Complementando o seu pensamento, Djamila Ribeiro expõe que isso não restringe quem pode falar, mas que se deve atentar de que lugar o discurso é estabelecido, isto é, a partir de qual vivência realizam-se as análises. Conforme ressaltado pela autora:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2021, p. 85).

Desse modo, na contemporaneidade, entende-se a importância de se considerar as diferentes concepções apresentadas na diversidade e que compõem uma sociedade. Ao analisar esse pensamento conforme a expressão de uma arquitetura crítica regional, torna-se fundamental considerar todos os seus atores, uma vez que se manifesta não pela genialidade do arquiteto de representar a identidade do local e, sim, da troca de saberes entre os profissionais e os usuários. A experiência habitacional e de reforma urbana de Cajueiro Seco permitiu perceber a potência de se construir com diferentes atores, ou seja, incluindo a participação de técnicos como arquitetos, engenheiros e alunos de arquitetura, como também da população local. Assim, não faria sentido resumir em um autor, mas considerar a presença de diferentes atores que permitiram a realização desse projeto.

As obras do arquiteto boliviano Freddy Mamani também podem ilustrar essas relações de representatividade e distanciamento do discurso arquitetônico universal. A partir do entendimento de Ribeiro, é possível compreender que as críticas recebidas por teóricos “puristas” dentro do campo da arquitetura se colocam, uma vez que a arquitetura andina, difundida por Mamani, divergiu das expectativas da arquitetura academicista vigente.

Para o campo da Arquitetura, do Urbanismo e do Design, Marc Augé suscita uma compreensão desses espaços globalizados destituídos de uma construção identitária e antropológica. Os projetos regionalistas têm como base fundamental a construção de lugares antropológicos. Assim, a teoria de Marc Augé se justifica para compreender a atuação de Freddy Mamani e de Diébédo Francis Keré. Sem uma condição antropológica, Francis Keré não poderia ser compreendido, uma vez que ele constrói uma condição antropológica, do seu lugar e de suas práticas, como um arquiteto de Gando, produzindo para Gando. Igualmente, se estabelece a compreensão das obras de Freddy Mamani. Desse modo, pode-se perceber a relação direta desses dois projetos com a noção de lugar de fala, defendido por Djamila Ribeiro, uma vez que há a atuação de arquitetos locais, que apresentam relações entre a população, a história e cultura local.

A partir desse entendimento, percebe-se a diferença entre Acácio Gil Borsói e Diébédo Francis Keré. O primeiro estabelece uma condição de mediação dos saberes locais. É o arquiteto “de fora” que enxerga uma potencialidade, cria uma proposta de desenvolvimento, aprisionando os saberes locais a sua visão eurocêntrica de “racionalização”, representando o a prática regionalista de Frampton. Já o segundo faz parte do grupo, como morador de Gando, e discursa a partir do entendimento de lugar de fala, dando voz à sua cultura e à população local. Diferente de Borsói, o grupo desenvolve instrumentos baseados em suas próprias vivências e experiências, criando possibilidades alternativas e, assim, ressignificando suas tecnologias.

4 Conclusão:

Como visto, a proposição de uma atitude crítica perante a homogeneização do ambiente construído, estabelecido pela arquitetura universalizante, conforme difundida por Kenneth Frampton, impulsionou novos olhares para as produções regionais. Esta pesquisa pretendeu contribuir com o entendimento de como as proposições arquitetônicas de caráter regional exercem um papel importante na paisagem, funcionando como uma ferramenta de valorização da identidade local.

Os debates e as revisões críticas na América Latina ressignificam o termo regionalismo crítico a partir do entendimento das singularidades e das complexidades de outras realidades que possuem necessidades diferentes da realidade europeia — contexto no qual foi proposto o regionalismo crítico de Frampton. Então, se as questões que fundamentaram movimentos de

vanguarda, em qualquer época, necessitam de revisões, do mesmo modo indicam a relevância de refletir sobre o regionalismo crítico sob as lentes contemporâneas.

Além disso, os projetos de Freddy Mamani e de Diébéo Francis Keré permitem compreender o novo olhar perante as iniciativas regionalistas: o fazer arquitetônico como ação compartilhada, composta por saberes compartilhados. Assim, a partir das ideias de Milton Santos (2005; 1996) e Djamil Ribeiro (2021), adiciona-se a noção de classe e de racialidade à ideia de Regionalismo Crítico, principalmente no que tange a lugar de fala.

Ambos os arquitetos estão vinculados aos aspectos identitários e culturais do lugar da intervenção. No bairro El Alto, na Bolívia, os projetos ressignificam a identidade andina, evocando a cultura do povo local Aimara, a partir do uso de uma intensa paleta cromática, vidros, revestimentos, platibanda sinuosa e molduras em gesso, na fachada e no interior dos edifícios. Na Biblioteca para a Escola Primária de Gando, percebe-se o engajamento e a participação coletiva da população e a preocupação com a qualificação da mão de obra local para geração de renda futuramente. Dessa forma, comprehende-se como o entendimento de Divergência de Marina Waisman (2013) é apropriado à noção contemporânea de produção regional. Entende-se que o regionalismo crítico, como atitude projetual, foi fundamental para a evolução da arquitetura e, atualmente, em um mundo que se coloca cada vez mais global, percebe-se como os projetos regionais estão cada vez mais em destaque. Assim, conclui-se que a atitude regionalista ainda está em pauta, no entanto, apresenta-se com novas demandas.

Portanto, as interpretações da noção de lugar construídas nesta pesquisa permitem refletir sobre a arquitetura regional pelas lentes contemporâneas, de modo a valorizar as especificidades e pluralidades que compõem um local. Estabelecer um posicionamento crítico regional é fundamental na produção arquitetônica, uma vez que arquitetura é transformação, é agente potencializador do desenvolvimento territorial e impacta nos diferentes contextos políticos, econômicos e sociais de um lugar.

5 Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BHABHA, Homi K. **Nation and narration**. Londres: Routledge, 1990.

BUTINHOL, Brendow; CÔBO, Caio. Quando há a morte da arquitetura. **Drops**, São Paulo, ano 22, n. 166.03, Vitruvius, jul. 2021. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/22.166/8181>. Acesso em 11 nov. 2021.

DE ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago**. Periferia, Vol. 3, núm.1, pp. ISSN. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156376009>. Acesso em 17 de mar. 2022.

DE ANDRADE, Oswald. **O Modernismo**. 2014. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/a-semana-de-22-por-oswald-de-andrade/#sdendnote1sym>. Acesso em 17 de mar. 2022.

DE SOUZA, Diego B. I. **Reconstruindo Cajueiro Seco**: Arquitetura, política social e cultura popular em Pernambuco (1960 – 1964). 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DUARTE, Jaqueline; MEIRELLES, Célia R. M. Análise do projeto e técnicas construtivas de Francis Keré e seus paralelos com obras arquitetônicas executadas no Brasil. **XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica**, São Paulo, 2017.

DUARTE, Rovenir B. 6=6? Caminhos, reflexões e o tempo da arquitetura contemporânea.

Arquitextos, São Paulo, ano 11, n. 124.08, Vitruvius, set. 2010. Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3573>. Acesso em 07 mar. 2022.

FATHY, Hassan. **Construindo com o povo**: arquitetura para os pobres. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

FRAMPTON, Kenneth. Perspectivas para um regionalismo crítico, *In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 503-519.

FRAMPTON, Kenneth. Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance, *In: FOSTER, Hal. The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture*. New York: The New Press, 1998. p. 16-30.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da Arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Cap. 5, p. 382-397.

FOSTER, Hal. Construção de Imagens. *In: FOSTER, Hal. O Complexo arte-arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 19-36.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa?** São Paulo: Ubu Editora, 2021.

OLIVEIRA, Thaís P. **O Regionalismo Crítico em questão**: os fundamentos do conceito em Alexander Tzonis e Liane Lefaivre e em Kenneth Frampton. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7628678. Acesso em 24 mar. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

SANTOS, Milton. O lugar: Encontrando o Futuro. *In: SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 155-164.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane. “Por que regionalismo crítico hoje?”, *In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 520-530.

URREJOLA, Valentina D. **Hibridaciones tectónicas**: Innovación en la arquitectura latino-americana. Análisis de tres casos de estudio. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51798/51798.PDF>. Acesso em 11 mar. 2022.

WAISMAN, Marina. **O interior da História**: historiografia para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ZEIN, Ruth Verde; BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Brasil**: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2015.